

Resumo: A Parte de Baixo da Sociedade Brasileira – por Jessé Souza

Gabriel Rezende Ferraz; Giovanna Grandim Ferraz de Souza; Guilherme Giollo Gomes; Henrique Denny Carvalho Alves; Luís Fernando Fernandes; Matheus Calheiros Santos; Matheus Catini Lanzi

A6 – A invisibilidade da desigualdade social brasileira

Neste texto, Jessé Souza expõe a tese de que as classes populares no Brasil são invisíveis e mal compreendidas pela sociedade em geral. O autor realiza um breve histórico de ideias que construíram o Brasil moderno, revisitando o trabalho de dois importantes autores nacionais: Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

Até Freyre, existia uma visão predominante que, em razão da sociedade brasileira ser altamente miscigenada, levava a considerar uma impossibilidade civilizatória para o país. Então, Freyre inverte esta visão de apontar o mestiço como signo de todo o mal, para transformá-lo em fonte de todo o bem da sociedade brasileira. Assim, cria também uma “fantasia compensatória”, a qual afirma basicamente que os países economicamente desenvolvidos podem ser mais ricos e democráticos, mas o povo brasileiro é mais generoso e humano.

Por outro lado, Sérgio Buarque, apesar de não criticar a tese de Freyre, inverte sua análise em dois aspectos: 1) nega o “mito da brasilidade” que propaga a ideia de que o brasileiro é um tipo absolutamente singular, pois este tipo de argumento é simplista e superficial do ponto de vista científico, e; 2) transforma em negativas todas as características do brasileiro julgadas positivas por Freyre (cordialidade, emotividade etc), situando-as como principal motivo de nosso atraso político e econômico.

Para Jessé, esta interpretação de Buarque leva à concepção de que os EUA seriam um país eficiente, racional e com pessoas incorruptíveis, enquanto, no Brasil, as pessoas estão sempre dispostas a abrir mão do empenho em satisfazer os interesses públicos em nome do interesse próprio. Esta idealização ingênua dos EUA permitirá travestir a teoria conservadora dos interesses liberais em uma teoria crítica.

Assim, autores “pseudocríticos”, que propagam interesses liberais disfarçados de crítica, adotam a contraposição entre Estado e Mercado. Desta forma, o primeiro seria ineficiente, politiqueiro e corrupto, enquanto o mercado seria o reino de todas as virtudes (justo, eficiente, autossustentável etc). Nesta ordem de ideias, as virtudes americanas são aquelas do Mercado e o vícios brasileiros são aqueles do Estado. Jessé argumenta que este contraste entre mercado e Estado é descabido pelo fato de ambos serem interdependentes. Segundo o autor, a crise econômica de 2008 serve para derrubar a ideia da existência de um mercado virtuoso.

O autor ainda julga a dominação americana sobre os brasileiros como eficiente pelo fato de haver uma incorporação da visão de mundo do opressor pelo oprimido, no sentido de atribuir prestígio científico às afirmações estadunidenses, autodenominadas “verdades científicas”, que praticam violência simbólica e legitimam privilégios de fato.

Já entrando na discussão sobre a divisão de classes sociais, pode ser observada uma relação entre este patrimonialismo estatal e o racismo entre classes dentro da sociedade brasileira. Classes populares muitas

vezes são vistas como antiéticas por apoiarem um Estado atuante. Mais uma vez o que ocorre é um moralismo seletivo travestido de ciência da ordem liberal. Jessé rotula a ciência social brasileira como masoquista e servil por incorporar tão facilmente tais ideais. E são essas as ideias que irão guiar as ações de governo, mídia, mercado, indivíduos e classes sociais.

Classes emergentes da sociedade ganham o nome de “Nova Classe Média”. Jessé julga esta denominação equivocada, pois induz à interpretação de que o Brasil está se tornando um país rico, formado majoritariamente pela classe média e não mais pelos pobres, o que é uma inverdade. Mesmo esta nova camada social sendo a representação de um “Brasil bem-sucedido”, ela sofre os mesmos preconceitos que as camadas mais populares da sociedade e ainda são pouco conhecidas. A propósito, segundo uma publicação de 2012 da Secretaria de Assuntos Estratégicos, do Governo Federal, a classe média brasileira tem renda per capita que pode variar entre os valores de R\$ 291 e R\$ 1019. Este segmento da população ainda foi dividido em três subclasses: a “classe média baixa” (com renda per capita de R\$ 291 a R\$ 441), a “classe média” (de R\$ 441 a 641) e a “classe média alta” (de R\$ 641 a 1019).

Esta classe não é exclusividade brasileira. Ela também está presente em todos os países classificados como emergentes, sendo chamada por Jessé Souza de classe “batalhadora”, sob a premissa de geralmente os indivíduos que a compõe trabalham em grandes jornadas, nas mais diversas ocupações e com condições precárias para desempenhá-las.

O autor ainda julga problemática a compreensão, não só do conceito de classe média (por ser uma camada social extremamente heterogênea), mas também do conceito de classe social de maneira geral, criticando a metodologia de classificação liberal dominante somente com base na quantificação da renda familiar. Também critica a superestimação da meritocracia individual, que ignora completamente as pré-condições sociais de cada um, como as desigualdades de oportunidades educacionais e profissionais que existem no Brasil.

A classe média “emergente” difere da “verdadeira” classe média em razão de seu menor “capital cultural”, pois não nasceram com os mesmos privilégios. Com efeito, o “capital cultural” é obtido, em sua grande parte, graças ao “tempo livre”.

Hierarquicamente, abaixo da classe batalhadora, ainda temos a denominada “ralé”, que representa cerca de 1/3 da população brasileira. Em quase toda sua totalidade, os indivíduos deste grupo assumem cargos operacionais, perigosos, sujos, pesados e mal remunerados (portanto “sem futuro”) de maneira a poupar a classe média deste tipo de função para que ocupem postos mais prestigiosos, rentáveis e promissores.

A classe trabalhadora possui um estilo de vida que se assemelha muito mais com a da “ralé” do que com a da classe média tradicional. Entretanto, o que difere a classe média emergente da “ralé” é que a primeira possui uma perspectiva de futuro mais positiva se comparada à segunda. A “ralé” também pode ascender socialmente, no entanto, com muito mais custo.

Os principais motivos para a falta de perspectiva otimista para o futuro dos indivíduos que compõem a “ralé” são: a desestruturação familiar e o abandono social. Ambos provocam, entre outras consequências, a falta de autoestima e a inibição de habilidades para a absorção de capital cultural.

O autor julga haver uma separação entre duas subclasses dentro da “ralé”: a dos “pobres honestos”, aqueles que consentem a dominação social e aceitam vender seu esforço braçal por uma baixa remuneração, e a dos “pobres delinquentes”, aqueles que se revoltam contra as estruturas sociais que os condenam. Esta

segregação dificulta qualquer tipo de solidariedade interna entre os indivíduos desta classe, colocando os dois lados como oponentes entre si.

Para o autor, é necessária a reformulação de noções enraizadas na cultura brasileira que exclui, humilha e explora a “parte de baixo da sociedade brasileira” para que seja possível lhe oferecer maiores oportunidades de ascensão social. Tal perspectiva pode apenas ocorrer através de um intenso e contínuo debate de ideias.